



Manifestações de 20 de junho de 2013: uma análise da cobertura do RBS Notícias (SC)¹

Cárlida EMERIM²

Lalo Nopes HOMRICH³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O artigo propõe apresentar uma análise sobre coberturas de manifestações a partir da produção em telejornalismo para a televisão aberta convencional. Para tanto, recorta o trabalho realizado pelo programa RBS Notícias, exibido pela RBS TV em Santa Catarina, produzido na quinta-feira, dia 20 de junho de 2013, data em que ocorreu a manifestação popular mais expressiva nos últimos tempos no Brasil. O texto inicia apresentando as rotinas de produção comuns e as especiais empregadas neste episódio em particular centrando o foco nos processos de edição e, depois, propõe, a luz das regras da produção televisiva articulada com a metodologia de análise inspirada na semiótica discursiva, apontar possibilidades e restrições deste tipo de cobertura em telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Cobertura; Manifestações (2013); Edição; Semiótica Discursiva.

1. Introdução

A televisão tem sido o veículo de maior importância e influência na sociedade brasileira desde os anos 60. Ao longo de sua história, a “janela para o mundo” reinou quase sempre absoluta, pois, pelos seus modos produtivos, mostrar imagens em movimento em tempo real, a diferenciava e potencializava das outras mídias. A partir dos anos 2000, com a facilitação de gravação e reprodução de imagens ofertada pelos processos digitais e com o desenvolvimento da internet e seu sistema de rede, a televisão passou a ter um concorrente no processo de agilidade ao vivo. Muito embora diferentes estudos apontem o fim da televisão, outros comprovam que cada mídia tem seu espaço e que a percepção fatalista sempre acompanha o surgimento de um novo modo de fazer e exibir dados, pois, quando surgiu o rádio ele iria acabar com os livros e

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq); email: carlidaemerim@gmail.com

³ Jornalista, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC-SC, email: lalojornalismo@gmail.com.



os jornais impressos e, assim, o cinema, a televisão e agora, mais recentemente, a internet. Não obstante as mudanças que ocorreram, todos os veículos se mantêm, muito embora deva se ressaltar que o que muda é o modo de uso ou apreensão destes veículos por parte do público. E, mais expressivamente, o lucro que se tinha anteriormente, pois há uma oferta maior de produtos e modelos de atrações que mesmo um baixo índice de “íbope” pode significar, hoje, uma grande audiência e aceitação. Em relação ao mercado televisivo no Brasil, de modo geral, as produções ficcionais não têm muito problema, visto que estas foram, ao longo do tempo, estruturando-se e operando com maior liberdade na busca de alternativas. Mas, o telejornalismo, ou seja, os produtos jornalísticos para a televisão tiveram mais dificuldades, pois seu conteúdo foi duramente sufocado durante muito tempo o que não permitiu o seu pleno desenvolvimento. No telejornalismo, mais do que formatos ou modelos produtivos, é o conteúdo, fundado nos acontecimentos da vida real que definem todo o potencial e direcionamento de seu fazer-ser. Assim, é verdade que o telejornalismo está enfrentando um novo desafio: compreender-se e adequar-se as mudanças ao mesmo tempo e, ainda, propor novas formas de tratar os mesmos temas da realidade social. Diante do exposto, faz-se extremamente necessário analisar o presente do telejornalismo brasileiro bem como entender, de fato, como ele vem se estruturando para enfrentar este cenário contemporâneo. Por isso, o presente artigo se propôs a analisar o episódio de cobertura televisiva das manifestações de junho de 2013 num telejornal local com vistas a contribuir para o entendimento do processo produtivo como um todo e mapear as diferenças possíveis entre os modelos produtivos hegemônicos, partindo de possibilidades e restrições regionais.

2. As manifestações de junho de 2013 e o telejornalismo

Antes de compreender a produção do telejornalismo, é preciso brevemente contextualizar o fato que foi recoberto pela mídia e sua repercussão social. No ano de 2013, no Brasil, um dos episódios mais marcantes na cobertura de notícias pela televisão foi a onda de manifestações que ocorreram em várias cidades do país, no mês de junho, mobilizada pelas redes sociais e reunindo um número expressivo de brasileiros motivados pelo aumento das passagens do transporte coletivo. Esta mobilização culminou numa quinta-feira, dia 20 de junho, quando cerca de um milhão de pessoas foram às ruas pedir mudanças e melhorias para a sociedade, principalmente,



em transporte, saúde e educação. O grupo intitulado Movimento Passe Livre, (formado por integrantes de partidos de extrema esquerda), de São Paulo, começou a divulgar e a mobilizar estudantes para manifestarem-se contrários em torno do aumento das tarifas do transporte coletivo (ônibus, trem, metrô) anunciadas pelo governo e pelas empresas do transporte. No dia 06 de junho de 2013, no centro de São Paulo, um grupo de jovens estudantes se reuniu na lendária Avenida Paulista para reivindicar a queda do aumento das tarifas do transporte coletivo na cidade. A partir deste evento, muitos outros foram se sucedendo e, pelas redes sociais, o movimento foi ganhando adeptos em diferentes capitais e os grupos representantes da entidade em outros estados também estavam mobilizados. Nas datas das manifestações, nas ruas, cada vez um número maior de pessoas se integrava aos protestos e, em cada manifestação, movimento foi ganhando proporções em número de participantes e em diversidade de pessoas (não apenas estudantes, mas, profissionais de diferentes atividade, classes sociais e idade) chamando a atenção de políticos e da sociedade em geral. A sociedade brasileira, tão acomodada e pacífica, acaba por ver crescer uma força que segundo a socióloga Marilena Chauí não deveria ser surpreendente:

Não foram poucos os que, pelos meios de comunicação, exprimiram sua perplexidade diante das manifestações de junho de 2013: de onde vieram e por que vieram se os grandes problemas que sempre atormentaram o país (desemprego, inflação, violência urbana e no campo) estão com soluções bem encaminhadas e reina a estabilidade política? As perguntas são justas, mas a perplexidade, não, desde que voltemos nosso olhar para um ponto que foi sempre o foco dos movimentos populares: a situação da vida urbana nas grandes metrópoles brasileiras. (CHAUI: 2013, p.01).

Motivados por uma luta em prol do barateamento das tarifas do transporte coletivo, a sociedade passou a agregar outras demandas sociais que também não estavam (ou não estão), aos olhos dos manifestantes, sendo cumpridas a contento e, do transporte, pediram-se políticas mais transparentes e menos corruptivas, críticas ao investimento público na Copa do Mundo de Futebol e, principalmente, saúde e educação. No dia 20 de junho de 2013, uma grande convocação mobilizou o Brasil inteiro e, segundo dados publicado no Portal Uol nos dias 20 e 21 de junho do ano passado, 388 cidades tiveram manifestações (sendo 22 capitais) reunindo mais de 1 milhão de brasileiros para protestarem nas ruas. Ao final dos protestos, muitos deles terminavam em depredação e choques entre manifestantes mais radicais (como os assumidos Black Bloc) e o policiamento, ferindo ativistas e pessoas comuns que não



participavam das ações. No entanto, o ato histórico das manifestações chamou a atenção pela capacidade de jovens, através de redes sociais, construir uma mobilização nacional, a princípio, diferentemente das outras duas grandes manifestações brasileiras que se estruturaram a partir dos partidos políticos e por motivos abertamente ideológicos e políticos: Diretas Já (1984) e Fora Collor (1992)⁴. Em Santa Catarina, a manifestação reuniu cerca de 90 mil pessoas, apenas neste único dia 20 de junho, de acordo com o Polícia Militar catarinense que foi a responsável pela segurança dos atos públicos. Uma grande quantidade de jovens, mas, também, famílias inteiras, até mesmo com crianças de pequena idade, caminharam pelas principais ruas das cidades catarinenses com faixas e cartazes contra a corrupção e melhorias em diversos setores sociais. Em pelo menos quinze cidades do Estado houve protestos na quinta-feira, dia 20 de junho de 2013 e, a principal manifestação foi em Florianópolis, onde cerca de trinta mil pessoas foram protestar por um Brasil mais justo. A manifestação da capital catarinense diferenciou-se das ocorridas na maior parte do Brasil, pois, foi totalmente pacífica até o final da caminhada (um dos poucos atos mais radicais foi os de alguns populares que se recusaram a pagar a tarifa de ônibus e pularam as catracas do transporte coletivo em sinal de protesto, sem pagar a tarifa naquela noite).

A mobilização nacional pôde ser acompanhada por quem participava nas ruas e quem estava em casa, em sua maior parte, em tempo real a ocorrência dos fatos graças não só as equipes profissionais de televisão como, também, através dos inúmeros celulares e câmeras fotográficas portáteis operadas por diferentes pessoas e por diferentes motivos. Essas imagens paralelas ou “não profissionais” das manifestações correram o mundo e mostravam a dimensão, de certa forma, limitada, da cobertura telejornalística que a televisão aberta, convencional, podia ofertar. Nesta cobertura não oficial, não havia regras, legislações e nem condutas técnicas que deveriam ser seguidas: uma grande vantagem se olharmos o que a televisão profissional pode ou não fazer dentro da sua estrutura como empresa de comunicação no Brasil. Outra vantagem é que não há concessão e nem determinação e tempo a ser cumprido, ou seja, as coberturas alternativas não precisam pagar pela “postagem” ou as publicações e,

⁴ Aliás, sobre estes dois movimentos, cabem ressaltar, ainda que, o “Diretas Já” foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil e o “Fora Collor”, constituiu-se do pedido de *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello. Mesmo sendo estas manifestações de junho de 2013 uma das maiores coberturas jornalísticas dos últimos anos, outros acontecimentos já ganharam grande repercussão e coberturas especiais na mídia televisiva no Brasil tais como a morte do piloto brasileiro Ayrton Senna e a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, (entre outros), fatos acompanhados massivamente pela televisão.



também, não há restrição e conteúdo ou no modo de tratamento do conteúdo. Em contrapartida, essas novas possibilidades de tratamento de coberturas sobre os fatos “sacudiu” os formatos hegemônicos e, de certa forma, mostrou que os modelos de cobertura empregados precisavam ser repensados em suas reais restrições, propondo novas alternativas de produção e exibição.

2.1 A cobertura televisiva da Rede Globo de Televisão e da RBS TV SC (afilhada em SC)

A escolha de assuntos que devem ser abordados em um telejornal é um processo difícil de ser realizado, mas a necessidade de dissolver os conteúdos mais importantes dentro do programa com tempo limitado torna essa função obrigatória. De acordo com ZUNCZIK (2002) a seleção de notícias equivale a restringir o volume de informações, ou seja, é a arte de escolher os assuntos que merecem ser publicados. Os profissionais de comunicação têm a função de decidir quais os acontecimentos, fatos e informações que serão noticiados no dia, contribuindo, desta forma para moldar a imagem que o receptor tem de sua sociedade e de seu mundo, através do que foi exibido pela televisão.

E, sobre a escolha do que é notícia LAGE (2003) diz que as decisões são desenvolvidas a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial dos jornalistas. Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes, investigar e interpretar. Segundo o autor os assuntos escolhidos requerem muita perspicácia jornalística, pois é a partir desta veiculação que milhares de pessoas formam opiniões sobre o exposto. KUNCZIK (2002) aponta ainda que os fatos divulgados nos meios de comunicação de massa devem seguir os critérios de noticiabilidade, pois, com o curto tempo disponível, torna-se impossível detalhamento dos fatos. Da mesma opinião compartilha SOUSA (2002) quando diz que os meios selecionam a informação, de acordo com uma grelha interpretativa que valoriza determinados acontecimentos em detrimento de outros optando na maioria das vezes pela factualidade, ou seja, a notícia recente.

De acordo com REZENDE (2000), a linguagem jornalística na televisão tem um traço específico que a distingue, a imagem. A força da mensagem icônica para ele é tão grande, que para muitas pessoas, o que a tela mostra e o que acontece, é a realidade. Por isso, a TV, ocupa, segundo ele, um status tão elevado, o que faz com que os telespectadores, especialmente os pouco dotados de senso crítico, lhe deem crédito total,



considerando-a incapaz de mentir para milhões de pessoas. O autor ainda diz que o fato de ter na informação visual o seu elemento mais expressivo determina que haja um entrosamento sincronizado entre imagem e palavra. Corroborando com Rezende (2000) e ampliando a percepção, para EMERIM (2012), a televisão tem como característica principal as possibilidades de transmissão de imagens sonoras e visuais ao vivo e em tempo real dos acontecimentos, participando do cotidiano dos sujeitos: está em sua casa, mas, ao mesmo tempo, coloca-os em contato com o mundo, com os outros homens, construindo efeitos de integração e participação, possibilitando o encontro de ideias, de interesses e de identificação. Este poder de influenciar que a televisão tem mostra a potencialidade numa cobertura massiva, potencial este que pode ampliar-se, ou, ao mesmo tempo, esgotar as possibilidades de interesse do expectador sobre o tema. Para compreender o conceito de cobertura em telejornalismo, recorre-se também a proposição de EMERIM e BRASIL (2014) que aponta como cobertura em telejornalismo:

(...) uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística. Uma cobertura grande, por sua vez, remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta. (EMERIM e BRASIL apud EMERIM: 2014, p.16).

Assim, uma empresa de televisão, diante de um fato que mereça ser recoberto, aciona inúmeras atividades que podem estar ou não nas suas rotinas de produção. A Rede Globo de Televisão (RGT)⁵, uma das maiores empresas de comunicação do país, empregou um modelo de cobertura comum a fatos extraordinários ao interromper a programação geral, inserindo um programa episódico em formato de Plantão de Notícias que passou a acompanhar em direto (ao vivo) as manifestações nas principais capitais do Brasil, sendo que este programa durou cinco horas. Esta cobertura foi ancorada pela jornalista Patrícia Poeta, apresentadora do Jornal Nacional (o telejornal mais tradicional e mais antigo da emissora), a temática estava centrada nas manifestações e o conteúdo desdobrava-se na narração do que estava sendo exibido pelas câmeras das afiliadas da emissora. Para poder exibir este episódio, mudou a programação e derrubou a exibição de dois grandes programas que são as novelas das

⁵ Como o objeto a ser analisado faz parte do grupo Globo e o *paper* tem limitação de páginas, resolveu-se entrar direto na cobertura realizada pela emissora para operacionalizar o trabalho.



seis e das sete horas, o que de imediato demonstra a importância que a emissora dotou o acontecimento, pois, mexer na grade significa remodelar os anunciantes e patrocinadores dos programas o que é extremamente trabalhoso e não lucrativo para o sistema comercial. Além disso, o atraso na exibição dos capítulos das novelas também causa mudança no cronograma e muda a rotina de um grande número de profissionais o que também acarreta alterações nos lucros e nos pagamentos previstos.

Neste dia 20 de junho, também o telejornal *Jornal Nacional* exibiu-se num formato diferente do usual. Mantendo a apresentadora Patrícia Poeta como âncora da cobertura das manifestações ela não estava sentada na bancada que fica no cenário fixo do programa, apenas o apresentador (e editor chefe) Willian Bonner que fez uma espécie de base de recebimento de informações. Ou seja, ele, da bancada, anunciou que acompanharia dali os desmembramentos dos protestos em todo o país remetendo à colega de apresentação sempre que necessário. O apresentador também informou que não seriam exibidas outras notícias em razão do crescimento dos protestos e o surgimento ininterrupto de novas informações. Como o sistema de telejornais da RGT constrói-se em rede e com divisões de emissora central – afiliadas/afilhadas – emissora estado – emissora regional (local) que funcionam como desdobramentos direcionados para cada público alvo e parcela geográfica de cobertura. Mas, há uma editoria pré-determinada que definem o modo de atuação de cada um em cada uma das unidades informativas e, quando a emissora central derruba a programação, há também, comumente, a derrubada das praças locais (o que não ocorreu neste episódio).

Em Santa Catarina também houve manifestações e, por sua vez, o jornalismo da RBS TV, que é afiliada da RGT no Estado, foi convocado a focar exclusivamente as manifestações e exibir uma cobertura sobre o assunto, seguindo os modelos nacionais na exibição do conteúdo veiculado. No telejornal *RBS Notícias*, o principal telejornal da RBS TV em Santa Catarina, foi necessário mudar o formato da apresentação para acompanhar os desdobramentos das manifestações naquele dia no estado. Ou seja, o formato tradicional que consiste em organizar uma ordem pré-definida de notícias, através de um roteiro, pensar os intervalos comerciais e subdividir as reportagens em blocos não pode ser utilizado. A opção da equipe local foi a de fazer um telejornal sem intervalos comerciais, com tempo de duração mais curto (para poder integrar a grade quebrada da RGT), direcionando o conteúdo para os protestos que mobilizaram milhares de catarinenses, enfatizando as entradas ao vivo dos repórteres em diferentes cidades bem como em locais de Florianópolis (a capital do estado) com informações



atualizadas sobre as manifestações. De modo geral, esta foi a rotina da programação e, a seguir, se apresenta uma análise intercalando a experiência profissional dos autores em produção televisiva potencializadas pela vivência de um deles de atuação direta nesta cobertura (pelo RBS Notícias) e articulando-se com as propostas metodológicas de análise da semiótica discursiva.

3. As considerações de Análise

As decisões nacionais da RGT influenciaram na programação das afiliadas e, em Santa Catarina, a equipe de gestores da RBS TV e os editores do telejornal RBS Notícias, que vai ao ar de segunda-feira a sábado, em torno das sete horas da noite, precisaram tomar decisões rápidas para organizar o fechamento daquela edição, visto que, a princípio, o programa não seria exibido (para exibir a cobertura da RGT). Assim, num primeiro momento, o programa havia se estruturado de uma forma mais padrão, com a maioria dos materiais editados e fechados antes de sua exibição.

Para perceber as mudanças neste dia, é preciso antes entender como é a rotina produtiva do programa. O RBS Notícias é o telejornal com maior audiência da RBS TV em Santa Catarina, tem cerca de quinze minutos de produção de conteúdo jornalístico, dividido em três blocos. O primeiro bloco é local com cinco minutos de duração, neste, além da Capital, cada uma das cinco praças espalhadas pelo estado exibe os conteúdos da região. O segundo e o terceiro bloco são estaduais, com assuntos de interesse para toda a população de Santa Catarina. Os dois últimos blocos têm, em média, dez minutos de duração. O programa tem dois editores majoritários: o editor-chefe e também apresentador do programa (cargo que ocupa há pelo menos 10 anos) é o jornalista Fabian Londero e, a jornalista Fabiana do Nascimento que é, também, apresentadora e editora. O RBS Notícias ainda conta com dois editores de texto, os jornalistas Janine Sommariva e Lalo Homrich, este último um dos autores deste artigo. Os assuntos selecionados para serem recobertos pelo programa são escolhidos pelos critérios jornalísticos tais como a relevância da informação (o peso e impacto), a abrangência, as fontes e, também, a qualidade técnica do produto a ser exibido (ou seja, as imagens e sons, que tem peso tão importante quanto o texto para a televisão), seguindo, é claro, a linha editorial que configura um telejornal noturno.



O telejornal é dividido em editorias as quais definem o formato no qual a notícia será transmitida, podendo ser uma reportagem, uma nota coberta⁶, um fora de quadro (FQ), um ao vivo, um boletim, em forma de arte ou, apenas, uma nota pelada⁷. Essa decisão está relacionada com a quantidade de informações e imagens capturadas conseguidas para veiculação do material, pois, quanto mais complexo o assunto e, mais conteúdo estiver disponível para o repórter ou editor, maior será o tempo destinado para o produto final na programação. Na rotina produtiva do programa RBS Notícias, a produção de jornalismo apura, agenda pela manhã os assuntos que serão pauta durante a tarde, realizam um levantamento dos temas que marcaram o dia para que estes sejam atualizados com informações novas pelos editores. A RBS TV de Santa Catarina tem cinco praças que ficam nas cidades de Chapecó, Criciúma, Lages, Blumenau e Joinville, além da sucursal de Brasília que também produz conteúdo para os telejornais da emissora. Assim que chega na redação e de posse das previsões e consultas prévias com os produtores, o editor-chefe monta o espelho com os assuntos que serão noticiados e cada editor fica responsável por um determinado material, preparando o que for possível para agilizar para que o repórter, assim que chegar da rua, possa construir o texto de forma correta. Porém, no dia 20 de junho de 2013, um pouco tempo antes da exibição, (praticamente 40 minutos antes da entrada do programa na grade), para dar conta deste tipo de cobertura em tempo real e priorizando o tema (as manifestações) e a natureza do acontecimento, a equipe foi obrigada a exibir uma sequência diferente da planejada. Naquela data, além das manifestações, outros assuntos também estavam em pauta, e seriam noticiados. Estavam espelhadas as seguintes reportagens: 1) a última reportagem da série Ouro Branco, realizada pelo repórter Kleber Pizzamiglio, sobre o turismo na região serrana de Santa Catarina; 2) a repórter Talita Rosa acompanhou uma CPI que estava investigando irregularidades dos taxis na Capital; 3) a assinatura da ordem de serviço para a duplicação de uma BR em Santa Catarina, de Brasília e, 4) e sobre a Federação das indústrias catarinenses que divulgara um estudo que apontava o quanto as empresas do estado iriam investir no setor até 2015. Todas estas pautas foram derrubadas mesmo sendo consideradas importantes segundo os critérios de noticiabilidade mostrados no RBS Notícias para que se pudesse focar, exclusivamente, nos protestos. Outra mudança importante foi o horário de exibição do programa que atrasou em uma hora sendo apresentado somente às oito e dez da noite, muito em razão

⁶ É uma sequência de imagens narradas pelo apresentador.

⁷ É uma narração do apresentador sem imagens, dada diretamente da bancada.



da própria programação da RGT que avançou os horários das grades das emissoras afiliadas. Um fato a ser mencionado é que, por decisão editorial e de gestão dos Grupo RBS em Santa Catarina, a transmissão da RGT foi cortada e no lugar exibiu-se o RBS Notícias especial dos protestos.

3.1 Descrição e análise do RBS Notícias no dia 20 de junho

Nesta quinta-feira, dia 20 de junho, as manifestações em Florianópolis duraram cerca de sete horas, os primeiros grupos começaram a chegar ao centro da cidade, local marcado como encontro do protesto, por volta das quatro horas da tarde e as pontes só foram completamente liberadas depois da meia noite quando o restante dos manifestantes permitiram a passagem de veículos. Como já se apontou, diferente dos dias normais, o RBS Notícias exibido no dia 20 de junho de 2013 teve doze minutos de duração, sem intervalos comerciais e com transmissão para todo o Estado. De Florianópolis, os apresentadores fizeram o telejornal mostrando imagens, chamando repórteres ao vivo e mostrando diferentes abordagens e cenas da manifestação até aquele momento. Não foram exibidas manchetes, da vinheta de abertura o telejornal iniciou-se com os apresentadores na bancada anunciando que aquela seria uma edição especial sobre as manifestações que estavam ocorrendo, desde o início da tarde, em quinze cidades catarinenses. O telejornal também se diferenciou ao apresentar uma narrativa em formato de editorial contextualizando o tempo (clima) chuvoso e a permanência das pessoas nas ruas protestando e pedindo melhorias sociais.

Em razão da estrutura de produção que já foi anteriormente explicitada, os apresentadores não puderam contar com o sistema de teleprompter (que os auxilia na leitura das notícias) e, assim, improvisaram suas falas seguindo uma prévia temática a partir da sequência de imagens ao vivo e de reportagens que estavam sendo exibidas. Sobre as manifestações em Florianópolis, recorreram às imagens geradas ao vivo por uma câmera colocada num helicóptero (contratado pela emissora catarinense para a cobertura do evento), às câmeras fixas espalhadas em pontos estratégicos da cidade tais como nas pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Salles cujas imagens acabaram se transformando no grande diferencial desta cobertura. Um dos problemas da cobertura ao vivo é a apuração de algumas informações, como o número de pessoas envolvidas, por exemplo, que a princípio se estimava em 20 mil e depois se apurou 30 mil. E, nesta forma narrativa e em tom de conversa, apoiados pelas imagens que estavam sendo



geradas e exibidas ao vivo e em tempo real de ocorrência, os apresentadores ficaram nos primeiros minutos contextualizando sobre o trânsito na Capital (parado por conta do protesto), comentavam as imagens da Beira Mar Norte, uma das principais avenidas da cidade, lotada de pessoas.

A partir daqui, recorre-se a uma forma mais descritiva para contextualizar a produção do programa naquele dia. Depois das imagens da Beira Mar Norte, na sequência, foi chamado o repórter Marco Antônio Mendes, que atualizou as informações do protesto que acontecia em Criciúma, no Sul do Estado. Imagens do momento da saída dos manifestantes foram mostradas já que eles não estavam mais no local programado no momento do vivo. Assim que as imagens retornaram para o estúdio, em Florianópolis, eles voltaram a falar das manifestações na Capital e chamaram o repórter Sergio Guimarães que estava na parte continental da ilha. Em seguida pediram ao repórter Marcos Pereira que falasse sobre as informações dos protestos no Norte do Estado, de Joinville. Outra câmera mostrou os manifestantes em frente à prefeitura naquele momento e um fora de quadro (FQ) foi exibido para ilustrar cenas do movimento na cidade. De volta ao estúdio, os apresentadores chamaram um outro FQ com imagens do momento em que os manifestantes passaram pela Avenida Mauro Ramos, no centro da Capital, com a informação de que (naquele momento) cerca de 60 mil pessoas participavam do ato em todo o estado catarinense (ao final, os números divulgados pela polícia Militar foi em torno de 90 mil pessoas). Na sequência, entra em rede a repórter Vanessa Moltini, de Blumenau, que passou informações sobre os protestos no Vale do Itajaí e, durante o ao vivo, a exibição de cenas da manifestação na cidade foram passando. Retornando ao estúdio, Fabian e Fabiana chamaram cenas de um outro ato que marcou o movimento em Florianópolis, onde os manifestantes abriram espaço em cima de uma das pontes, que estava fechada por eles, para que uma ambulância pudesse passar. Antes de encerrar, chamaram a repórter Kiria Meurer, do centro da Capital, que durante a programação nacional, passou as informações de Santa Catarina para todo o país. Ela lembrou que as manifestações começaram por volta das quatro horas da tarde e que ninguém conseguia sair de carro naquele momento na região. Assim que voltou ao estúdio os apresentadores mostraram novamente as cenas das pontes e anunciaram que voltariam a qualquer momento na programação para atualizar a situação dos manifestos em Santa Catarina. Do ponto de vista produtivo, sob a perspectiva do jornalismo da emissora, o maior problema dessa cobertura foi acompanhar a multidão que percorreu muitas ruas da Capital, sem uma sequência pré-



definida de direção, prejudicando o planejamento da cobertura completa. O marco e grande imagem desse evento foi o fechamento das duas pontes que ligam a ilha de Santa Catarina ao continente, milhares de pessoas tomaram conta das pistas apropriadas apenas para a passagem de veículos, e, em função de acordos comerciais e mercadológicos, o principal momento e mais emblemático não pôde ser mostrando ao vivo, pois a programação nacional estava no ar naquele período de tempo. Durante a transmissão do telejornal algumas informações ainda estavam em aberto, como por exemplo, o numero de manifestantes na Capital eram 30 mil e foi dito 20 mil e no Estado 89 mil e não 60 mil como foi informado pelos apresentadores. Outro ponto destacado durante o RBS Noticias foi a pacificidade do movimento, em que realmente até a cobertura não teve ocorrências policiais. Só no final da manifestação, em Florianópolis, houve um confronto com a polícia já que um pequeno grupo insistia em trancar o transito nas pontes de acesso a cidade. Um policial chegou a ficar ferido por causa de uma pedra arremessada por um manifestante. Além deste fato isolado, o manifesto foi pacifico, sem problemas de violência ou depredação do patrimônio publico, como mostrado em outras regiões do país nos telejornais nacionais. Em Santa Catarina, a RBS TV seguiu os padrões da RGT para realizar a cobertura das manifestações, equipamentos como helicópteros e links de transmissões ao vivo foram estruturados para garantir uma melhor cobertura dos acontecimentos localmente. Uma forma de mostrar como estavam as principais cidades do Estado durante o ato público, informando sobre o transito e, também, atualizando a situação do protesto no exato momento que acontecia.

4. Considerações finais

Um dos pontos que pode ser destacado como negativo nessa cobertura, foi que em nenhum momento se falou das outras 11 cidades do Estado onde também estavam ocorrendo manifestações, centrando-se a ênfase apenas para as cidades que tinham sinal de ao vivo, como Florianópolis, Criciúma, Blumenau e Joinville. Lages, por exemplo, na serra catarinense, reuniu mais de 10 mil pessoas no protesto segundo a polícia militar, a cidade e a manifestação de lá não foi sequer citada em nota pelada. De acordo com EMERIM (2011), esses níveis de centralidade e poder geram consequências como de a cobertura jornalística privilegiar os municípios onde estão sediadas praças e as sucursais, tanto por uma questão de infra-estrutura, como por um entendimento da



cultura jornalística da relevância desse município em relação aos demais. Fato observado também neste planejamento de cobertura do RBS Notícias em Santa Catarina. Outro aspecto jornalístico importante de ser questionado é referente à seleção de conteúdo, pois, no RBS Notícias, neste dia, nenhuma das matérias citadas anteriormente neste artigo, produzidas para o telejornal foram exibidas. Por uma escolha editorial os outros assuntos não eram tão importantes que merecessem tirar espaço das manifestações. Segundo SOUSA (2002) os meios de comunicação não tem espaço para noticiar tudo, principalmente a TV. De acordo com o autor é por isso que se há espaço para política, para o esporte e para a economia, e não existe assim tanto espaço para a ciência, por exemplo. BENEDETI (2009) diz que as notícias produzem um tipo de conhecimento em construção, quanto tratam do mesmo assunto periodicamente esse conhecimento estabelece conexões entre as informações já veiculadas, à medida que a cobertura noticiosa se desenvolve. Dessa forma, a capacidade de associação dos fatos no conhecimento proporcionado pelas notícias pode ser avaliada tanto em relação a cada notícia isoladamente quanto em relação a uma série de notícias sobre o mesmo tema. Também sobre a escolha das notícias KUNCZIK (2002) diz que o editor de um noticiário deve realizar uma seleção consciente sem conhecer todas as informações que poderiam estar a sua disposição. Deste modo os valores informativos nada mais são que as suposições intuitivas dos jornalistas com referência aquilo que interessa a um público determinado, aquilo que chama a sua atenção. Ele ainda diz que:

As decisões são regidas pela experiência, por uma “conjectura informada” quanto às notícias que poderiam chegar. O momento da chegada de uma matéria determina em parte se ela irá ou não para a impressão. A pressão do tempo e a falta de espaço são mecanismos decisivos de seleção externa, que em certos momentos podem constituir critérios mais importantes que o conteúdo. (KUNCZIK: 2002, pg.240).

Sendo assim, considere-se que a decisão de abordar apenas um assunto nesta edição do telejornal da RBS TV foi determinada pela influência do padrão nacional instituída pela Rede Globo, que no mesmo dia, cobriu por horas as manifestações nas principais Capitais do país. No entanto, a cobertura que se fez fundamental e necessária à sociedade, em detrimento do curto tempo de exibição local, teria que ter aproveitado melhor o espaço para informar mais sobre as manifestações nas cidades do Estado, de um lugar mais próximo dos manifestantes, pois, na maioria das passagens ao vivo, os



repórteres estavam localizados longe das manifestações, no alto de prédios, sacadas e/ou locais que os mantinham de fora do cerce no movimento: nas ruas e no “chão”.

Sobre o papel dos ancoras no telejornal REZENDE (2000) diz que em atuação diante das câmeras, o apresentador de notícias da vida ao texto. Por meio de gestos, expressão facial, velocidade de leitura, pausas na locução, entonação e ênfase em certas palavras, a informação pode adquirir significados complementares. Segundo o autor, acontece no telejornalismo mais ou menos o que se passa em uma telenovela. A palavra ganha novos contornos de sentido ao ser lida pelo apresentador e ouvida pelo telespectador. Os apresentadores são os condutores deste processo, mais ainda no momento de uma cobertura como esta cuja ancoragem foi feita ao vivo e *en direct*. Deste modo, com experiência profissional e uma certa dose de tranquilidade, os jornalistas, da bancada, conseguiram construir a unidade necessária para transformar esta edição episódica num programa e conduzir as entradas ao vivo com as reportagens de forma a fazer sentido para o telespectadores. Este evento é significativo e foi um exemplo da potencialidade de cobertura televisiva, pois, foi tão intenso que, em resposta ao que estava sendo mostrado na TV, o governo brasileiro anunciou várias medidas para atender as reivindicações dos manifestantes. O Congresso Nacional, por sua vez, votou uma serie de concessões, tornando corrupção um crime hediondo, arquivando também a PEC 37 e proibindo o voto secreto em votações para cassar o mandato de legisladores acusados de irregularidades. Cobrir as manifestações em todo o Brasil, de certo modo, foi um desafio para os jornalistas e para as emissoras de televisão, visto que regras básicas como seguir a programação e a grade comercial foram deixadas de lado para mostrar o que acontecia em tempo real, em várias Capitais brasileiras, ao mesmo tempo. Talvez pela concorrência rápida da internet, em que as imagens quase que instantaneamente já estão disponíveis na rede, a televisão teve que optar por uma estratégia eficiente para cobrir este que foi um dos maiores movimentos sociais dos últimos anos. Diante deste acontecimento, pode-se afirmar que a população realmente quer uma mudança, e foi deste movimento que alguns modelos de se fazer televisão também foram questionados. Assim, a estrutura usada nos telejornais precisam ser repensadas para competir com as novas mídias no jornalismo e, ao mesmo tempo, não perder sua essência telejornalística.

Referências



- BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da Informação Jornalística:** Do conceito à prática. Florianópolis: Insular, 2009.
- BRASIL, Antonio C., EMERIM, Cárilda. **Rede nacional de telejornais universitários:** uma proposta na internet. Intercom. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza. 2012
- BRASIL, Antonio C. **O ensino de telejornalismo na era digital:** a cobertura dos telejornais universitários na internet. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.
- BRASIL, Antonio C., EMERIM, Cárilda. **Coberturas em Telejornalismo.** Intercom. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife. 2011.
- BRASIL, Antonio C., EMERIM, Cárilda. **Rede nacional de telejornais universitários:** uma proposta na internet. Intercom. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife. 2011.
- EMERIM, Cárilda (org.). **Pesquisas em Telejornalismo:** Resultados e experiências. Novo Hamburgo, Feevale, 2011.
- EMERIM, Cárilda, CAVENAGHI, Beatriz. **Cobertura ao vivo em telejornalismo:** propostas conceituais. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Paraná. 2012.
- EMERIM, Cárilda, CAVENAGHI, Beatriz. **Considerações sobre telejornais locais:** o caso greve do transporte coletivo em Florianópolis. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Paraná. 2012.
- LAGE, Nilson. **A reportagem:** Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MOURA, Nelson Rolim de. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** Florianópolis: Insular, 2005.
- PICCININ, Fabiana. **“Tudo ao mesmo tempo e agora”:** análise da cobertura de cotidiano no TV Folha. SBPJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba. Paraná. 2012.
- PONTE, Cristina. **Para entender as notícias:** Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil:** Um perfil editorial. São Paulo: **Summus, 2000.**
- SOUSA, Jorge Pedroso. **Teorias da Notícia e do Jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- VEIGA, Zaclis. **Telejornalismo e violência social:** A construção de uma imagem. Paraná: Pós-Escrito, 2002.
- VIZEU Pereira Júnior, Alfredo Eurico . Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. 4. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005. 142 p.
- ZUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo:** Norte e Sul. Manual de Comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

Referências obtidas na internet

- CHAUÍ, Marilena. *As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo.* In: <http://midiafazmal.wordpress.com/2013/06/27/marilena-chaui-sobre-manifestacoes-2013-2/>, acessado em 18 de janeiro de 2014.
- UOL, Portal. *Em dia de maior mobilização, protestos levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas no Brasil.* In: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>, acessado em 23 de fevereiro de 2014.